



Prof. Dr. Sandro Renato Maskio

Professor de Economia da Universidade Metodista de São Paulo, da Strong Business School e da USCS. Pós doutorando em Economia na FEA/USP - RP.

Desafios ao desenvolvimento na Nova Ordem Econômica Mundial

Em 2019 o economista Michael O'Sullivan defendeu o argumento de que a ordem econômica estabelecida pela internacionalização dos processos produtivos com a globalização do final do século XX havia se esgotado. Publicado antes da pandemia, as preocupações de Sullivan* apontavam para uma dinâmica econômica de baixo crescimento econômico e elevação das dívidas dos países, que se observava especialmente após a crise financeira de 2008. Os esforços para amenizar os impactos desta e fomentar a atividade econômica levaram diversos países a ampliar os gastos públicos, ampliar o endividamento e iniciar um movimento rumo às estratégias protecionistas.

A dívida pública média dos países, mensuradas em porcentagem do PIB, aumentou cerca de 8 pontos percentuais entre 2008 e 2009, segundo a base de dados do Fundo Monetário Internacional. Ao longo da década encerrada em 2019 a dívida ampliou outros seis pontos percentuais. Com a pandemia, entre 2019 e 2020, a dívida pública média ampliou pouco mais de 10 pontos percentuais em relação ao PIB e um único ano.

O crescimento econômico mundial, que entre 2000 e 2008 apresentou um ritmo de 2,4% a.a., entre 2011 e 2019 desacelerou para 1,7% a.a.

Somam-se a este contexto os efeitos provocados pela pandemia, que se transbordou para os meses posteriores aos períodos de restrições mais severas de circulação de pessoas e produtos, que ocorreu entre o segundo e terceiro trimestres de 2020. Até então, a organização produtiva internacionalizada, comandada especialmente pelos grandes grupos internacionais, era responsável por movimentar a produção e a geração de riqueza nas principais cadeias de valores globais, permanecia consolidada como importante determinante da matriz econômica mundial.

As restrições à circulação de pessoas e bens desarticularam a engrenagem destas cadeias produtivas internacionalizadas, desde o fluxo logístico até as conexões entre fornecedores e produtores finais. Além do mais, as mudanças impostas pela pandemia também alteraram alguns padrões de demanda, fazendo com que algumas cadeias de fornecedores reorientassem sua produção para outros setores, como ocorreu com os microchips.

O processo de retomada das atividades econômicas nos diferentes países desse o início de 2021 pelo menos, em seus diferentes ritmos, tem gerado elevação de demanda por insumos de produção, a qual a capacidade de oferta não tem conseguido atender, obstruindo a concretização de um desem-

penho econômico mais robusto e sustentável. É o que explica, por exemplo, algumas interrupções na produção de algumas montadoras de automóveis e caminhões no Brasil nos meses recentes, assim como em outros locais do mundo.

As restrições de oferta não tem se limitado apenas aos insumos de produção. A guerra entre Ucrânia e a Rússia agravou em especial a restrição de oferta de alimentos no mercado mundial, provocando uma forte elevação dos preços destes, bem como de energia, cujos efeitos podem ser observados na elevação do preço barril de petróleo. Fatores estes que tem pressionado a elevação da inflação em nível global, que se tornaram o principal desafio aos Bancos Centrais.

Neste novo cenário econômico, mais incerto e tumultuado que nas últimas décadas, as estratégias de fomento à atividade econômica, puxada pelos países mais ricos, têm procurado fortalecer as políticas produtivas industrial, tendo em vista a desorganização provocada nas redes de produção internacionalizadas e a busca por construir estruturas econômicas mais robustas e menos dependentes. Adicionalmente estas estratégias também visam ampliar a competitividade das respectivas estruturas econômicas, especialmente via ampliação das competências de desenvolvimento tecnológico e geração de inovação. Estas estratégias estão nitidamente expostas nos pacotes de estímulo do governo dos EUA, da União Europeia aos países membros, e no planejamento quinquenal da China, cuja reunião ocorrerá nas últimas semanas.

Com razoável nitidez, a matriz econômica mundial tendo a China como locomotiva do crescimento, absorvendo processos produtivos a custos baratos, demonstra sinais de esgotamento, conforme defendido por Sullivan antes da pandemia, citado no início desta coluna.

O grande desafio de médio e longo prazo presente, além das questões de curto prazo que afligem a população e a dinâmica econômica, é a reconstrução de uma nova matriz produtiva na economia, que não está desassociado da organização de uma nova ordem econômica mundial. Os países mais ricos já lançaram as suas apostas. Os grandes oligopólios mundiais já declararam a necessidade de construir cadeias de produção resilientes. Aos países em desenvolvimento, como o Brasil, está colocada a necessidade de reposicionar suas economias diante das mudanças em andamento. Não será tarefa fácil.

*O'Sullivan, Michael. The Levelling: What's Next After Globalisation." PublicAffairs :2019